

Memórias e histórias: cenas do cotidiano docente

Marcilene Pöpper Gomes*

RESUMO: O presente artigo tem a intenção de apresentar o livro “Práticas de memória docente”, cujo objetivo é apreender a cultura escolar através da memória do professor. Os artigos desta obra permitem refletir sobre a escola como um espaço de inspiração, de aprendizagem e de valorização da escrita. Este livro é instigante, pois contribui para ampliar a discussão sobre a autoria docente e a importância dos professores para e na preservação de arquivos pessoais e escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura escolar. Memórias. Prática docente.

Memories and stories: scenes from teaching

ABSTRACT: The purpose of this article is to present the book "Teaching memory practices", the aim of which is to understand the school culture by the practical teaching memory. The articles in this book allow reflecting upon the school as a space of inspiration, learning and valorization of writing. The book is instigating, because it contributes to broadening the discussion about teachers as authors and the importance of teachers for the preservation of personal and school archives.

KEY WORDS: School Culture. Memories. Teaching practices.

*Orientadora Pedagógica na Prefeitura Municipal de Brusque, Especialista em Alfabetização e aluna regular do Mestrado em Educação e Cultura da UDESC/2004. E-mail: marcilenepeg@terra.com.br

1 Considerações iniciais

Todo dizer é deficiente – diz menos do que quer;
todo dizer é exuberante –
dá a entender mais do que se propõe.
(ORTEGA Y GASSET, apud CUNHA, 2003, p. 51)

Neste artigo, é apresentada uma problemática que aborda alguns aspectos da cultura escolar, mais propriamente dita, da cultura docente. Histórias escritas, escondidas, esquecidas, desprezadas, recuperadas, valorizadas, relidas, selecionadas, podem ter importância quando se observa com atenção o que ali é projetado pelos produtores textuais, tais como: sonhos, dificuldades, anseios, desejos, conquistas, angústias, enfim, práticas de memórias docentes que evidenciam o “show” de cada sala de aula no cotidiano escolar. Neste sentido, estas escritas têm importância para a compreensão da cultura escolar e, mais especificamente, da cultura docente e que constituem o interesse central deste estudo.

O livro “*Práticas de memória docente*” aborda inúmeros aspectos de nossa memória sobre currículo, ou seja, recupera práticas docentes em diferentes tempos e espaços, através de vestígios, de fragmentos da realidade escolar, como por exemplo, a análise de registros praticados por professores(as), como: arquivos, diários de classe, cartas, autobiografias, fichas de observação, cadernos de planejamento, registros de atividades, relatórios pedagógicos ou burocráticos. A opção por este livro deve-se a encontrar nele um caminho mais viável para ilustrar o objeto de estudo aqui exposto, quando retrata a realidade do cotidiano escolar, convidando a compreender, de alguma maneira, os diferentes cotidianos escolares e as diferentes práticas de currículo, através da memória, recuperando práticas docentes que revelam o dia-a-dia e a própria vida profissional em que se tece uma trajetória com duplo sentido: solidária, mas, também, solitária!

É pertinente apresentar como este livro estrategicamente foi desenvolvido, esteticamente “diferente”, apresentando no canto da página o significado de alguns termos que os autores julgaram importantes, com o objetivo de facilitar o entendimento da leitura, apresentando uma harmonia textual, por “ser um território no qual se tecem conhecimentos”. (MIGNOT, 2003, p. 15). Os autores optaram por esta estratégia quando, pesquisando e escrevendo sobre práticas de memória docente, observaram que

professores(as) pouco lêem, ou seja, este hábito não é comum entre a grande maioria dos profissionais. Com o objetivo de motivar um grande número de professores(as) para a leitura deste terceiro volume da série Cultura, Memória e Currículo, optaram por desenvolver uma coletânea de textos que buscam discutir assuntos pertinentes a respeito das práticas de memória docente, através de uma harmonia visual, objetivando, assim, estimular os(as) professores(as) ao prazer pela leitura, ao mesmo tempo em que tecem suas histórias de vida enquanto aluno(a), professores(as), recuperando através da memória as diferentes trajetórias escolares.

Resgatando minha própria história de vida, percebo que a prática docente não acontece por acaso, ou melhor, não é um processo natural. Este olhar diferente, problematizador foi oportunizado por leituras advindas de uma perspectiva da história, as quais me fundamentam a construir instrumentos de análise que me dão suporte para desenvolver este olhar de estranhamento. Não se trata de esgotar o tema em questão, mas sim buscar compreender, interpretar as situações do cotidiano escolar, através de práticas de memória docente.

É importante ressaltar que “*Práticas de memória docente*”, foi construído com o auxílio de autores de diferentes áreas da educação, história, currículo e formação de professores. Diante desta diversidade de “idéias” resultou em um rico documento, que valoriza e dá importância tamanha à cultura escolar e, mais especificamente, à cultura docente, destacando um interesse maior pelas práticas de escrita, proporcionando uma reflexão a respeito do(a) professor(a) considerando-o(a) um(a) autor(a), preservando as produções textuais como um meio de registrar a experiência vivida na escola.

2 Rompendo com o anonimato: analisando documentos para interpretar práticas docentes

Através da leitura do referido livro, é possível observar as intenções romantizadas de muitos de nós, professores, ao refletir através da memória suas práticas docentes, como se pode conferir no relato deste trabalho. No entanto, historicizando a escola, em diferentes tempos e espaços, a mesma surgiu como um local de obediência, ou seja, ensinar para a obediência, inculcar a formação da consciência numa perspectiva de corpos dóceis, segundo olhar de Foucault (1993), em que na escola, entendendo-a como uma maquinaria, não há

lugar para o querer, para o desejo e para a vontade que nos leva ao inesperado e ao espontâneo.

O primeiro conjunto de artigos apresentado nesta obra se volta à análise de escritas ordinárias referentes às escolas, tais como: cartas, cadernos de registro, livros de registro, visitas do inspetor, diário de classes e registro de avaliação. Castilo (2002) que, em suas produções, nos oportuniza reflexão histórica sobre práticas de leitura e escrita, ou seja, como aconteceu, como se constroem os condicionamentos do ato de ler e escrever, afirma que analisar tais escritas ordinárias é tarefa das sociedades que se dizem democráticas e dos historiadores que assumem a responsabilidade social do seu ofício, aos quais não compete julgar, mas sim interpretar as formas diferentes de ver e viver no mundo.

Portanto, é pertinente refletir: por que os professores escrevem, e escrevem? Para quem escrevem? O que escrevem? Por que motivo escrevem? Estas indagações remetem a diferentes interpretações, objetivando fazer algumas representações da escrita como espaço de práticas de pessoas que se constroem no jogo das interações sociais.

Professores escreveram e escrevem cartas, para caracterizar uma ou um conjunto de vontades, desejos, sonhos... sendo um gesto controlado ou intencional, desenvolvendo-se por meio de estratégias e táticas. Estratégias, como um meio disciplinar, são regras fixas a serem seguidas e as táticas são meios para driblar as estratégias, ou seja, são móveis. Neste sentido, o professor escreve pensando numa estratégia e o leitor cria as táticas para produzir o sentido da leitura.

[...] no ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se, necessariamente, uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo. (CHARTIER, 1990, p.155-156).

Ao mesmo tempo em que nos proporciona interpretar “como uma realidade social é construída, pensada, dada a ler, materializada numa prática”. Portanto, com a leitura das cartas aparece “uma prática de escrita, de afetividade, de amizade, de subjetividade” (CAMARGO, 2000, p. 205).

Em complemento, José G. Gondra (2003, p. 17-33), em seu artigo, nos apresenta uma grande diversidade de experiências que se anunciam e são reveladas nas cartas do professor

Manoel José Pereira Frazão, que tem destaque no campo educacional, na segunda metade do século XIX, mais especificamente na Corte. Todo o material contido nessas cartas, e em outros com semelhantes intenções, podem se constituir em um rico material para reflexão referente à história da educação brasileira, mas, é preciso percebê-las apenas como fragmento de um determinado tempo e espaço e que, portanto, não dizem tudo, pois “a carta é o veículo. A escrita, modo de ser. E a leitura, modo de ler” (CAMARGO, 2000, p. 227). As cartas são espaço de doações, desabafos, confidências e entrosamentos sintonizados, mas deve-se desenvolver o hábito, também, de “estranhar o próprio fascínio exercido pelos ‘protestos’ produzidos pelo ‘humilde respeitador’”, conforme sugere Gondra (2003, p.32).

Edwiges Zaccur (2003, p. 34-50), faz uma análise do caderno de registro de uma professora, datado de 1933, que apresenta apontamentos, relatos, observações, enfim, sua prática pedagógica em um terceiro ano primário, observa-se, já na capa do caderno, características do contexto histórico vivido. Nesse período, apostava-se no progresso, objetivando inculcar nos sujeitos o amor e respeito pela nação, e a escola era o espaço privilegiado para desenvolver tal civilização: moralidade e civismo, tendo como concepção norteadora do trabalho os ideários da Escola Nova, o que significou a ampliação da rede escolar, a construção do espaço escolar condizente com o objetivo de uma educação integral, a criação de uma legislação para o exercício profissional, a publicação de livros didáticos e de literatura infantil e a difusão de novos métodos de ensino. Nesta perspectiva, a educação é entendida como um processo natural, revestida de métodos, psicologia, educação moral, razão, ciência, leis. O método entendido como um guia, caminho para alcançar os objetivos e metas estabelecidas.

Analisando o registro da professora Maria Guiomar, concorda-se com a afirmação de Zaccur (2003, p. 49), de que a mesma pode ser considerada uma professora pesquisadora, como muitas outras professoras neste imenso país, dentro de um cenário educacional mais contemporâneo, pode-se, assim, defini-la com uma professora reflexiva, que analisa, estuda o contexto em que vive e, por meios de diagnósticos, parte para a ação de maneira mais criativa e produtiva, propondo significado às práticas.

É pertinente pensar como “outras representações, que historicamente, através das resistências dos sujeitos, das mudanças nos arranjos sociais e políticos, das alterações institucionais e discursivas, se transformam e entram neste processo” (LOURO, 1997,

p. 108), pois esta professora apresenta uma postura resistente a todo um sistema imposto, mas que, constantemente numa postura dinâmica, traz para sala de aula, e para fora dela, experiências infantis que se difundem na vida e de maneira humorada, significativa e consistente proporciona a construção do conhecimento, ao mesmo tempo em que escreve suas experiências pedagógicas, fornecendo subsídios e esperança para um futuro próximo, o interpretar de práticas pedagógicas significativas e que merece destaque nos dias atuais. No entanto, práticas e representações conflitantes e contraditórias coexistem, hoje e sempre, provocando divisões e impasses.

São objetos de estudo de Maria Teresa Santos Cunha (2003, p. 51- 62) os relatórios de visita de um inspetor escolar a um colégio religioso feminino de Florianópolis, em 1953. A autora analisa a figura do inspetor e seus registros em livros de capa grossa e preta, que é característica predominante entre as décadas de 1953/1968, apresentando-o como uma forma de controle na sociedade disciplinar da época, citado aqui no Colégio Coração de Jesus, uma escola católica, tradicional da cidade de Florianópolis.

O objetivo do inspetor em visitar as escolas é observado a partir de seus relatórios escolares, em que apresenta uma rigidez narrativa, vigia e pune, ao sugerir ações para as escolas, auxiliando na construção da memória da cultura escolar da época. Os inspetores escolares, nesta época, eram agentes de total confiança do governo. Estes eram temidos, respeitados e até bajulados, justamente por terem a função de manter a organização escolar com o que escreviam em seus relatórios: críticas e/ou elogios às escolas visitadas. Suas visitas eram surpresas, o que era motivo de apreensão de professores(as) e diretores(as) dos estabelecimentos escolares. Nos relatórios, o inspetor A. V. P. (nomeado pela autora com iniciais de seu verdadeiro nome) observa, desde o início, uma escola excelente e demonstra seu prazer em visitá-la e encontrá-la sempre melhor. Estas observações referem-se ao espaço físico interno da escola e também a sua vizinhança e sua formação topográfica, seus elogios se estendem à direção da escola por valorizar a Educação Cívica, essa é uma característica que indica o inspetor estar afinado com as propostas nacionalistas, durante o governo de Nereu Ramos (1930-1945). Ele ressalta, ainda, em seus relatos o clima de respeito e de camaradagem em que a ordem disciplinar constituía uma série de práticas escolares caracterizando os modos de educação escolar da época.

Percebe-se, a partir desta análise, que as instituições escolares podem ser consideradas como espaço privilegiado para observar como os sujeitos, em relações sociais atravessadas

por diferentes discursos e práticas vão construindo suas identidades, ou seja, suas formas de ser e estar no mundo; estas memórias do passado nos permitem compreender aspectos da cultura escolar que permanecem até os nossos dias.

Nilda Alvez (2003, p. 63 - 77) apresenta em seu artigo como o diário de classe se constitui em mais um, dentre outros suportes utilizados para registrar, com o objetivo de divulgar, os resultados das atividades que são desenvolvidas durante o ano. Este suporte faz parte da cultura escolar disciplinar, a qual controla as faltas e a presença dos alunos, exercícios realizados, notas de prova, notas de comportamento, ou seja, a conduta dos alunos e os castigos. Ainda há o espaço para informar o número de aulas ministradas em cada disciplina. Diante de tal suporte, o professor pode até se tornar neurótico, por que ele tem de vigiar todo o espaço e tempo. O diário de classe é considerado oficial, pois satisfaz um sistema escolar em que não pode constar “erros, não possibilita desvios”. Neste instante, a autora provoca uma situação, será “mesmo”? (ALVES, 2003, p.64).

É pertinente apresentar as observações realizadas a partir das análises do material em que se constata semelhança no suporte, mas, no entanto, no preenchimento de dados apresentavam diferenças notáveis. Neste momento, cabe indagar: Quais as múltiplas formas de os (as) professores (as) se utilizarem do diário de classe? Ou ainda: Porque anotar tanto, se o que interessa são exclusivamente as faltas e notas? Qual a diferença no uso desse documento visto como “oficial”?

Diante disso, questiona-se sobre a história da escola documentada de maneira diferente da oficial. Isto significa que é no cotidiano escolar, mais especificamente no currículo oculto que as práticas, de fato, acontecem. Currículo oculto entendido como

[...] as conseqüências não acadêmicas, porém, educacionalmente significativas da escolarização que ocorrem sistematicamente mas não são explicitadas em nenhum nível das justificativas públicas da educação [...] (VALLANCE, 1973, apud MIGNOT, 2003, p. 75).

Podemos, assim, concluir que essas são as táticas utilizadas por professores(as) para agir dentro deste espaço chamado escola, em que se tecem diferentes práticas.

E o que dizer da prática do registro avaliativo? Qual sua função? Neste prisma, Paulo Sgarbi (2003, p. 78 -93) nos proporciona uma ampla reflexão a respeito desta prática que faz parte da cultura escolar. É pertinente apresentar a forte relação da pedagogia com a

psicologia em que as escolas se transformam em “clínicas de verdades” quando dizem fundamentadas cientificamente, diagnosticando, registrando e tendo ações decorrentes de maneira que comprove a incompetência destes “ditos” profissionais.

Nos sistemas educacionais vigentes, o controle é explicitado quando um aluno é avaliado por um determinado número de critérios, e nada mais. A compreensão desse processo escolar, a avaliação, permite refletir sobre a influência que temos sobre a formação de sujeitos, enquanto que nós, também, nos constituímos diante das estratégias de poderes instituídos sobre nossa formação. No dizer de Foucault (1977, p. 163)

[...] exercer sobre eles uma pressão constante, para que se submetam todos ao mesmo modelo, para que sejam obrigados todos juntos à subordinação, à docilidade, à atenção nos estudos e nos exercícios, e à exata prática dos deveres e de todas as partes da disciplina. Para que todos se pareçam [se constituindo a normalização do sujeito, na instituição].

Diante destas observações em relação às escritas institucionais, nota-se que a pesquisa em educação referente a diferentes aspectos da cultura escolar, da cultura docente tem grande importância para a compreensão do cotidiano escolar, mesmo que o sistema proponha formar sujeitos por meio do “incitamento à produção e à vigilância constante” (DALLABRIDA, 2001, p. 148) objetivando ensinar para a obediência, há aquele(as) que resistem, e encontram “forças” para promover a aprendizagem significativa, segundo esta afirmação de Beltrão (2000, p. 90):

O que guia estes corpos na luta contra a dominação é que, ao se olharem, eles vêem, nos olhos uns dos outros, noites como a sua: noites onde habitam a paixão pela vida, a memória e o desejo de resistir. Noites que não são interioridades, mas processos criativos de multiplicidade e singularidades. Noites que não expulsam jamais de si, noites que nunca abandonam.

3 O balanço do vivido: o recriar por meio da escrita de um tempo já desaparecido, conferindo sentido à própria existência

Num segundo momento, os artigos da obra apresentam as escritas pessoais, através de relatos autobiográficos. Estes autobiógrafos, ao se tornarem escritores, reconstroem sua trajetória de leitor. É possível nesta experiência, observar diferentes maneiras de ler, de lidar com o texto escrito e de estabelecer uma relação entre o leitor e o texto, “[...] práticas

diferentes de solidão e da leitura como relação de troca, poder e convívio” (SOUZA, 2000, p. 139)

Nestas autobiografias, professores(as) revelam a consciência que tomam de sua trajetória escolar, na humildade ou na arrogância, há a percepção de um modelo de práticas docentes, bem sucedidas, tortuosas, ou claros caminhos de aprendizagem, trazendo as marcas da escolaridade e, mesmo, a sua superação.

A autobiografia é um gênero que pertence à cultura ocidental a partir do século XIX, com o objetivo de destacar o eu, o indivíduo que se coloca como sujeito da própria existência, contando a sua própria história.

Para desenvolver uma autobiografia,

[...] é preciso existir uma cultura que a sustente, é preciso que o eu se tome por objeto, que se olhe à distância, que se forme uma consciência reflexiva que trabalhe sobre a lembrança, para que a memória se transforme em ação de contar. (SOUZA, 2000, p. 139).

Entendendo memória como marcas e simbolização de um tempo, que servem para indagar a cultura, neste caso, escolar e, mais especificamente, docente, de uma determinada época. O ato de escrever é o que melhor sustenta a consciência reflexiva da autobiografia, ousando permitir que o escritor (o eu) passe a existir em uma nova dimensão.

No campo educacional, ainda há uma resistência significativa sobre relatos autobiográficos, pois em educação existe um consenso e a negatividade daquilo que é passado. As descobertas chamadas “científicas” (consideradas, aqui, apenas técnicas), não permitem o tecer de experiências de escola, a história de aluno(as) e professores(as).

No entanto, estudos, análise de histórias de vida profissional de professor(a), fornecem uma ampla reflexão para interpretar a cultura escolar e, mais especificamente, a cultura docente, tais como essas aqui privilegiadas como objeto de análise, no livro “Práticas de memória docente”, desvelam vestígios, fragmentos de vidas docentes que expressam uma luta pela valorização do magistério. Estes atores se apresentam como normalistas, sindicalistas, escolanovistas, marxistas, radicais, políticos, democráticos que traçam uma história na história da Educação Brasileira.

O contato com estes documentos desperta uma certa nostalgia ao recuperar algumas memórias de práticas docentes. O limite entre nostalgia e a historicidade é muito próximo,

neste momento se faz mister desenvolver um olhar com sensibilidade, e limitar a subjetividade para olhar com olhar de historiador, olhar problematizador, conferindo uma legitimidade epistemológica a todo o processo, não dando espaço ao banal.

Professores, ao escrever minuciosamente sobre suas práticas em sala de aula, apresentam toda a dificuldade e o esforço exercido para continuar na profissão, desde suas dificuldades financeiras, estrutura física precária do ambiente escolar, situação sócio-econômico-cultural das crianças de maneira catastrófica, doenças apresentadas pelas comunidades miseráveis nas quais trabalhavam, mas que, diante deste quadro, lutavam por uma educação de qualidade para todos.

Deixam explícito que escrevem para serem lembrados(as), escrevem suas vidas às escondidas, resistindo a toda forma de poder. Portanto, nestas escritas das práticas de memória docente, fazem reivindicações, afirmando superar a representação do professor não mais como sacerdote, mas sim a representação de um docente como profissional.

Lendo as memórias que fizeram parte do universo da pesquisa de Maria Helena Câmara Bastos (2003, p. 167-183), verifica-se que esta considera relevante mencionar que falar de si, de sua experiência é expor-se, situação que não está inserida em nossa cultura. Em diferentes momentos, estes documentos expressam uma socialização da docência, ao mesmo tempo em que desvelam a opção pela profissão docente como sendo uma prática que interessa desde a infância, (brincadeiras de escolinha, bonecas são alunas...) e o incentivo da família como uma continuidade das gerações. É oportuno ressaltar a questão do gênero, conforme Louro (1997), lembrando que os discursos, numa perspectiva de ordem e de progresso, mais os discursos da psicologia confirmam que a verdadeira carreira da mulher se constitui de casamento e maternidade, assumindo, então, o magistério um caráter maternal e religioso.

É possível evidenciar o receio que os professores revelam ao escrever sobre as suas práticas. Neste momento de recuperar as memórias, selecionam alguns eventos que fazem questão de ressaltar, enquanto apagam os outros que não tomam como significativos, traçando, assim, uma trajetória pessoal e profissional, objetivando dar sentido ao relato da própria vivência.

4 Considerações finais

Faz-se necessário afirmar não estar esta problemática esgotada. Ela é desafiadora e requer uma certa disposição e comprometimento por parte dos envolvidos, no caso aqui, dos profissionais da educação, pois é possível observar permanências e rupturas, ou seja, avanços e mudanças, mesmo que de modo brando, referentes aos aspectos da cultura escolar e, mais especificamente, da cultura docente, evidenciando as diferentes práticas, nos diferentes cotidianos escolares.

Evidenciar-se que a referida obra oferece subsídios para discutir, refletir a construção/formação do professor(a), oportunizando perceber que não só os métodos darão conta da prática docente, mas também a construção de práticas de professores (as) através do diálogo, de memórias e de reflexões, oportunizando a consciência do que é ser um professor historicamente construído. O saber fazer docente escapa, assim, às regras do mero saber-fazer burocrático. Nesta investigação das práticas de memória docente, numa perspectiva da história, esta obra nos convida a desnaturalizar esse processo, pois ser professor(a) não é algo natural, mas sim construído na dinâmica dos sentidos, memórias e que tem o compromisso com a construção de outros sujeitos. Destaca-se a importância da memória, que é enfatizada por esta obra, entendendo-a como registro oral ou escrito, de algo que é nostálgico, porque são coloridas algumas situações e são esquecidas outras; a memória é seletiva e ressignifica nossos conceitos.

Neste processo, pode-se constatar, através das análises de escritas institucionais e escritas pessoais, que o(a) professor(a) domina as suas experiências, para se tornar autor de sua própria educação e formação profissional, através da memória da sua prática docente. Esta obra não se constitui em um modelo, mas sim em suporte para analisar os instrumentos impregnados na cultura escolar, proporcionando um olhar diferente, buscando compreender porque as práticas docentes vieram a ser como são. Por meio dos relatos pessoais é possível identificar como os(as) professores(as) expressam modos particulares de perceber a escola e a sua contribuição para a formação de professores(as), e ainda, como criticam a escola na caminhada, buscando modificá-la com suas práticas, as quais relatam atividades, programas, metodologia e avaliação realizadas em salas de aula, que exprimem dificuldades, erros, acertos, tristezas, avanços, angústias, crenças, conquistas...

Hoje, diante da crise do sistema de ensino público brasileiro, as atenções se voltam para a qualidade do ensino, em que se observa atualmente uma relação entre identidade, práticas, memórias, ou seja, um olhar retrospectivo ao passado educacional no sentido de nele buscar as raízes da atual crise do ensino público. A partir da reflexão histórica dos aspectos presentes na cultura escolar e, mais especificamente, na cultura docente é possível desenvolver um comprometimento com a profissionalização, mesmo vivendo em um contexto histórico-social marcado pela instabilidade e incertezas resultantes deste fenômeno da globalização.

Obviamente, não se afirma que este seja o único caminho a ser percorrido, embora reconheça que este possa ser um dos caminhos, talvez mesmo fundamental, no qual certamente vale a pena investir para a compreensão da cultura escolar, de modo geral, e da prática docente, em especial.

Esta obra resulta da união de todas as qualidades esperadas de um professor-pesquisador, que aqui são apresentadas pelas organizadoras. No palco da minha memória, quando abro as cortinas de minhas lembranças, fico emocionada, pois lendo tais memórias de prática docente permito-me, freqüentemente, rememorar o meu percurso profissional.

A obra traz em seu bojo uma série de indagações referentes à prática docente, revelando os autores como pesquisadores competentes, tecendo o objeto de estudo de maneira harmoniosa.

Sua leitura é oportuna e necessária. Oportuna, porque hoje há uma forte tendência na Educação, na área da formação de professores, para utilizar-se de memórias e estudos autobiográficos como instrumento de trabalho. Necessária, porque expõe aspectos da cultura escolar e, mais especificamente, da cultura docente, que contribuem para a compreensão das práticas pedagógicas que constituem a construção/formação dos professores(as), tanto para a reflexão quanto para a superação e elaboração de novas construções.

É convidativo viver o despertar de sensações desta obra brilhantemente narrada por autores de diferentes áreas da educação, história, currículo e formação de professores.

Referências

ALVES, Nilda. Diário de Classe, espaço de diversidade. *Práticas de Memória Docente*, São Paulo: Cortez, 2003. p. 63 – 77. (Coleção cultura, memória e currículo ; v. 3)

BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos. Memórias de professoras: reflexão sobre uma proposta. *Práticas de Memória Docente*, São Paulo: Cortez, 2003. p. 167 – 183. (Coleção cultura, memória e currículo ; v. 3)

BELTRÃO, Ierecê Rego. *Corpos doces, mentes vazias, corações frios. Didática: o discurso científico do disciplinamento*. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, Ana Crystina Venancio, BASTOS, Maria Helena Câmara e CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). *Refúgio do eu. Educação História, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 203-228

CASTILLO GOMÉZ, A. (org). *História de la Cultura Escrita*. Madrid: trea, 2002.

CERTAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Tradução de Ephaim F. Alves. Petrópolis: Vozes. 1996.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CUNHA, Maria Tereza Santos. Uma visita do senhor inspetor: cultura cívica em relatórios escolares. *Práticas de Memória Docente*, São Paulo: Cortez, 2003. p. 51 – 62. (Coleção cultura, memória e currículo ; v. 3)

DALLABRIDA, N. *A Fabricação escolar das elites: O Ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 1993.

GONDRA, José G. Ao correr da pena: reflexões relativas às cartas de professores do século XIX. *Práticas de Memória Docente*, São Paulo: Cortez, 2003. p. 17 – 33. (Coleção cultura, memória e currículo ; v. 3)

HEBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escrita pessoal e seus suportes. IN: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio, BASTOS, Maria Helena Câmara e CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). *Refúgios do eu. Educação, História, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 29- 61.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MIGNOT, Ana Cristina Venâncio; CUNHA, Maria Teresa Santos. (Org). *Práticas de Memória Docente*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 9 - 183. (Cultura, Memória e Currículo; v.3)

SGARBI, Paulo. A aprendizagem vigiada: registros de avaliação. *Práticas de Memória Docente*, São Paulo: Cortez, 2003. p. 78 – 93. (Coleção cultura, memória e currículo ; v. 3)

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. *A Escola e a Memória*. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco / EDUSF, 2000.

VARELA, J; ALVAREZ, Uria, F. *Arqueologia de la escuela*. Madrid: lo Piqueto, 1991.

ZACCUR, Edwiges. Caderno de registros: uma prática pesquisadora. *Práticas de Memória Docente*, São Paulo: Cortez, 2003. p. 34 – 50. (Coleção cultura, memória e currículo ; v. 3)

Endereço:

Rua: Matilde Shaeffer – nº 385, Centro, Ap. 204

88351-110 – Brusque-SC

Recebido: Maio/2004
Aprovado: Agosto/2004